

RESENHA

UMA LEITURA ACERCA DA IMAGINAÇÃO EM SARTRE

Jean-Paul Sartre, "A Imaginação", Porto Alegre: L&PM (2013)

EDELU KAWAHALA
RODRIGO DIAZ DE VIVAR Y SOLER

Publicado por Sartre originalmente em 1936 *A Imaginação* (Sartre, 1936/2013) prefigura ao lado de outros ensaios como *A Transcendência do Ego* (Sartre, 1937/2014), *Esboço Para Uma Teoria das Emoções* (Sartre, 1939/2006) e *O Imaginário* (Sartre, 1940/1987) no sentido de ilustra as reflexões preliminares do que viria a ser seu grande tratado ontológico, no caso *O Ser e o Nada* (Sartre, 1945/2005). Neles podemos encontrar, portanto, o projeto longitudinal de Sartre no que corresponde à exploração das condições de possibilidade para a ilustração de um método fenomenológico no campo da psicologia.

Logo no início do livro *A Imaginação* (Sartre, 2013) trata de deixar claro que seu objetivo consiste em elaborar uma leitura sobre o conceito de consciência à luz da fenomenologia. É preciso deixar claro que a consciência a qual Sartre se refere está inscrita no projeto existencialista de sua ontologia fenomenológica, no sentido compreendê-la não como um mero efeito cognitivo, mas sim como algo relacionado à intencionalidade já que ela se apresenta como movimento pré-reflexivo anterior ao próprio pensar. Nesse sentido, pode-se destacar que a intenção de Sartre em *A Imaginação* consiste em explicitar a dimensão ontológica na qual o Ser é aquele que possui consciência da sua existência.

De modo nenhum minha consciência poderia ser uma coisa, porque seu modo de ser em si é precisamente um *ser para si*. Existir, para ela, é ter consciência da sua existência. Ela aparece como uma pura espontaneidade diante do mundo das coisas é pura inércia. Podemos, portanto, afirmar desde a origem dois tipos de existência: de fato, é na medida em que são inertes que as coisas escapam à dominação da consciência; é sua inércia que salvaguarda e que conserva sua autonomia. (Sartre, 2013, p. 7)

Essas palavras indicam o próprio deslocamento do conceito de consciência empreendido por Sartre desdobrado na perspectiva da suspensão do juízo fenomenológico que o leva a compreender a discriminação entre a existência como uma coisa e a existência como uma

imagem. E é justamente esse problema que leva Sartre a dedicar-se a pensar a imaginação como condição fenomenológica proveniente da experiência do vivido. Deste modo, para Sartre a imaginação não é meramente um processo mental, mas sim o desdobramento de uma apreensão entre o agir de nossa consciência no mundo e a maneira pela qual elaboramos nossas experiências daquilo que nos é oferecido. Entretanto, para que tal premissa seja de fato explicitada resta explorar os contornos de uma crítica em relação ao que Sartre chama de *antropologia do psicologismo*.

Resta, portanto, empreender uma leitura acerca de uma possível história da imaginação no contexto das ideias psicológicas. Sartre parte do pressuposto de que se quisermos elaborar uma analítica da imaginação deve-se recorrer a um olhar sobre os grandes sistemas metafísicos que culminaram com a criação da psicologia moderna numa espécie de experiência *apriori* da imagem sem levar em conta o problema ontológico radical no qual ela está associada.

Deter-se sobre essa história implica elaborar um processo de revisão sobre os sentidos atribuídos a imaginação pela psicologia moderna e seus critérios metodológicos provenientes do positivismo. Para Sartre, a psicologia do século XIX que advogava para si o estatuto científico semelhante aos das ciências naturais ainda, encontrava-se embarçada por velhas questões presentes nos grandes sistemas metafísicos desde Descartes. Essas ressonâncias estariam inscritas no paradigma positivista da ciência psicológica do século XIX, pois ele foi o primeiro filósofo a separar as sensações corporais do que aquilo que faz parte da consciência. Descartes (2005) costumava afirmar que matéria e consciência se excluem e, neste caso, a imagem seria meramente uma representação dos objetos exteriores. Tem-se neste caso a criação por parte do sujeito de um mundo interior alheio às manifestações exteriores. Deste modo, a imagem seria aquilo que possui uma impressão material produzida no cérebro do indivíduo.

Sartre irá argumentar que a psicologia moderna necessitaria passar por uma nova proposta metodológica

caso ela quisesse se emancipar do que ele mesmo chama de *mundo das essências*. Na realidade, Sartre defende a emergência de uma *práxis* psicológica absolutamente contrária às teorias da intuição existentes até o aparecimento da fenomenologia. Em outras palavras, não se trata somente de perceber o sujeito como *ser-no-mundo*, mas compreender que este sujeito é um ser que representa o mundo e a si mesmo.

Vemos aqui o germe do neorealismo americano. Mas todas essas afirmações metodológicas, ontológicas e psicológicas decorrem analiticamente do abandono das essências cartesianas. A imagem não se transformou em nada, não sofreu nenhuma modificação enquanto o céu inteligível desmoronava, pela simples razão que ela já era, em Descartes, *uma coisa*. É o advento do psicologismo, o qual, sob diversas formas, não é senão uma antropologia positiva, isto é, uma ciência que quer tratar o homem como um ser no mundo, negligenciando o fato essencial de que o homem é também um ser que *se representa* o mundo e a si mesmo no mundo. (Sartre, 2013, p. 21)

Como se sabe a imagem é um problema caro à psicologia. Disso decorre o fato de que sem a definição de um percurso metodológico adequado ela não consegue ultrapassar o campo da intuição segundo Sartre caracterizando-se como uma mera metafísica frustrada. De acordo com Sartre mesmo os psicólogos ligados à corrente do neokantismo não foram capazes de pensar o papel da imagem a partir de uma experiência do vivido justamente porque negligenciaram um único aspecto: o papel político da experiência do pensamento como desdobramento da imaginação. Esse parece ser o posicionamento político adotado por Sartre nas entrelinhas de seu livro. Ou seja, não se trata mais de afirmar à imaginação de um *eu* autônomo, mas uma espécie de imagem que está diretamente associada à vida social e aqui emerge não a separação entre sujeito e objeto, e sim a verdadeira síntese cujo maior expoente é a fenomenologia, pois de acordo com esse saber enquanto que a imaginação remete a consciência imaginante o pensar está ligado a profusão da experiência reflexiva, logo a consciência existe desdobrada no mundo em ato, pois toda consciência é consciência de alguma coisa.

Isso significa que para Sartre, a consciência é muito mais do que um mero processo reflexivo. Na realidade, ela seria uma conjectura da ação já que ela não pertence a um indivíduo, nem é a matéria prima pela qual separamos o mundo interior do exterior, mas simplesmente está dada no mundo. Da mesma forma que a percepção não pode ser confundida como representação, mas sim como um devir maquínico da experiência já que a imaginação é para Sartre movimento, uma imagem que não reside em parte alguma.

Quando se trata de imaginação deve-se desconstruir a tese de que ela é uma coisa diante do pensamento. Em

Investigações Lógicas podemos constatar a crítica mais corrosiva de Husserl ao psicologismo. Do conteúdo positivista que concebe a consciência como fenômeno cognitivo, Husserl percebe a existência de significações representadas que se deixam constituir por conteúdos.

Deste modo, percebe-se que a investigação de Sartre neste pequeno, porém emblemático ensaio reserva um olhar sobre a história da imagem no pensamento ocidental desde Descartes até a psicologia do século XIX a partir da formulação do seguinte questionamento: em que momento a imagem passa a ser uma categoria sujeitada à experiência reflexiva? Ou perguntado de outro modo: quando a imagem se tornou um desdobramento da racionalidade? Enveredando-se pelos contornos da fenomenologia Sartre parte do pressuposto de que a imagem reflete o fenômeno da consciência percebida como intencionalidade não estando, de modo algum, fora do mundo e fora da realidade. Isso por conta de um único aspecto; nossa percepção é sempre superior à razão. Por conta disso é que uma psicologia da imaginação deve levar em conta o papel fenomenológico dos sentidos e não sua pura especulação. Isso quer dizer que para se pensar as bases de uma psicologia concreta deve-se levar em conta que a imaginação é sempre da ordem do vivido, embora deva-se ressaltar que esse vivido não esteja inscrito na categoria do pensamento, já que suas características envolvem os contornos daquilo que é pré-reflexivo. Justamente por conta desse aspecto é que não se pode confundir consciência com racionalidade, pois a consciência se encontra no plano fenomenológico e como tal deve ser compreendida como uma condição ontológica.

É diante dessa constatação que Sartre irá considerar que o grande acontecimento que impulsionou a fenomenologia foi à publicação, por parte Husserl de *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (Husserl, 2012), pois é nesse escrito que será problematizado definitivamente todas as essências das atitudes naturais. A fenomenologia apresentada nesse contexto seria um método para uma nova possibilidade do *fazer psicológico* desprovido de qualquer espontaneidade ou gratuidade, já que ela procura pensar a consciência, não como intuição, mas como ato e nesse sentido, a leitura empregada pela fenomenologia nada tem a ver com a construção de uma lógica cognitiva, mas com a própria apreensão da experiência do pensamento.

Indo na contramão da perspectiva positivista que tenta a todo custo prescrever uma racionalização do sujeito através da quantificação de seus sentimentos e experiências através de dados empíricos, a fenomenologia procura trabalhar com os elementos da imaginação através do sentido dado a experiência, cujo objetivo final seria o de pensar as bases de uma psicologia voltada para as questões que envolvem a dimensão ontológica do sujeito buscando investigar os sentidos e os significados que habitam a realidade psíquica a partir da sua temporalidade e da sua história, pois para Sartre (2013, p. 28) “a única

maneira de existir para uma consciência é ter consciência que ela existe”.

Referências

- Descartes, R. (2005). *O Discurso do Método*. Porto Alegre: L & PM.
- Husserl, E. (2012). *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Sartre, J.P. (1987). *Lo Imaginário*. Buenos Aires: Ibero Americana.
- Sartre, J.P. (2005). *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes.
- Sartre, J.P. (2006). *Esboço Para Uma Teoria das Emoções*. Porto Alegre: L & PM.
- Sartre, J.P. (2013). *A Imaginação*. Porto Alegre: L & PM.
- Sartre, J.P. (2014). *A Transcendência do Ego*. Petrópolis: Vozes.

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler - Doutorando em Filosofia pela UNISINOS, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, é Professor do Centro Universitário Estácio de Sá/SC. E-mail: diazsoler@gmail.com

Edelu Kawahala - Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e Professora do Centro Universitário Estácio de Sá/SC. Endereço Institucional: Rua Mário Coelho Pires, 221, bl.a, apto. 1302. São José/SC. CEP: 88101290. E-mail: edeluk@gmail.com

Recebido em 16.12.2015
Primeira Decisão Editorial em 11.10.2016
Aceito em 12.10.2016